

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Fernanda Lopes Fetter

**Cartografias oníricas: o sonhário como forma de registro na constituição do
sujeito na infância**

Porto Alegre
2024

Fernanda Lopes Fetter

**Cartografias oníricas: o sonhário como forma de registro na constituição do
sujeito na infância**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a): Prof.Dr. Sérgio R. Kieling Franco

Porto Alegre
2024

AGRADECIMENTOS

“Fernanda, tu não está sozinha no mundo” (meu pai)

As palavras têm um poder magnético de se apropriar das experiências vividas para eternizá-las, como as fotos que registram um tempo estático, capturam cores, formas, mas não conseguem fazer guardar o que nos atravessa os sentidos. Nem a escrita mais comprometida, a foto de melhor resolução seria capaz de apresentar as experiências vividas neste percurso, mas é com elas, as palavras, que me alio para quiçá me aproximar da lembrança, do registro para manter vivo o sonho que levo no peito.

Agradeço em primeira mão (como quem oferece o primeiro pedaço de bolo) a quem me anunciou a esse mundo, que me carregou no ventre forte e acolheu cada noite minha, entre pesadelos e falas, honro minha mãe Naura e seus sonhos, mas também meu pai Luis que tantas vezes cantou ao meu lado esperando o sono chegar, me ensinou a dormir, segura por seres celestes. Agradeço a minha Irmã Victória que caminhou junto, dividindo comigo mais do que o sangue, mas também o mesmo teto, acolheu as minhas incertezas e angústias e lembrou diariamente que mais do que sonhar era possível viver cada sonho. Saúdo meu irmão Raphael que se fez presente nesta trajetória graças aos avanços tecnológicos, me fez sentir amada e cuidada mesmo quando o relógio corria em disparada, fez saltar sorrisos com mensagens, também saúdo meus tios e tias que como família foram meu lar, meu suporte, referências de afeto e cuidado, mas também de muita sabedoria, onde tive a sorte de buscar nas gerações a mim mesma. Essencialmente agradeço a meu dindo Fernando com quem pude contar com o suporte estrutural e emocional, quem me carregou no colo e estendeu a mão para caminhar lado a lado, se fez ninho para um sonho seguro. Também reforço a referência de meu tio Julio, que esteve atento a minha trajetória acadêmica, com sua leitura cuidadosa aos meus textos, trouxe-me uma visão mais ampla e amparada da educação invariavelmente como uma ciência.

Tive a sorte de nunca caminhar só, e mais do que isso encontrar quem aceitasse fazer parte, mesmo pelas trilhas mais lamacentas, agradeço ao Samuel com quem compartilho a vida em longa amizade, que é casa, abrigo em abraço e

sonho. Agradeço às mulheres que me acompanharam que fizeram deste percurso uma comunidade forte de sonhadoras, a Kamila que tantas vezes me lembrou de sonhar com as palavras, com quem tenho a honra de compartilhar a profissão docente, e foi com carinho, gargalhada e lágrimas que me trouxe até aqui, a Camila Terragno com quem também tenho a honra de compartilhar a profissão docente e uma amizade na qual estive disponível a uma escuta cuidadosa e um olhar atento à inclusão. A Educação me forjou como cidadã, aluna e docente, a sala de aula foi onde vi crianças sonharem pela primeira vez, foi através dela que me conectei com artistas capazes de expressar mais do que as palavras conseguiriam aquilo que atravessa os sentidos. Agradeço a Isabella por paralelar (andar em paralelo) e às vezes por convergir, pelas leituras cuidadosas aos meus escritos, mas também pela sua obra, uma arte que me inspira a fazer o que acredito. Agradeço a Lusiana que me ensinou como a arte é por si o que somos, a fazer um percurso autêntico, com autonomia mas jamais sozinha. Agradeço a Amanda que me ensinou que arte não é erro mas um acerto de si. Agradeço a Priscila que se fez presente em escuta e diálogo potente. Agradeço a Denise que foi mão e mãe pedagógica, apresentou os corredores da escola, o caminho da sala, o pátio e as brincadeiras, a docência como responsabilidade afetiva e efetiva principalmente com as infâncias. Agradeço a escola e à Cheila e Lia com quem tive a oportunidade, a porta aberta para aprender e ensinar na a liberdade de fazer pedagogia com o que acredito, com o coração. Saúdo quem me apresentou ao sonho como possibilidade acadêmica, Laura deu novo sentido ao meu processo pedagógico e como pesquisadora, me acolheu em seu projeto O onírico: o primeiro jornal onipolítico do Brasil e clareou meu olhar para uma escrita potente de habitar além da dureza dos autores. Agradeço a Cacaú por uma amizade comprometida, me lembrando que sonhar é também político, e devemos estar atentos e fortes na luta. Honro toda a sabedoria ancestral que a Camila carrega em suas ervas, agradeço por cada conselho holístico ou conversa descontraída, por me fazer sonhar também com toda sua potência multi artística. Honro e agradeço fundamentalmente às crianças que partilharam comigo parte das suas infâncias, confiaram em mim para contar de si. Por fim, agradeço a quem me acompanhou nesta escrita, acolheu minhas frustrações, acreditou neste projeto, meu

orientador Sérgio foi essencial promovendo reflexões profundas, acreditando que sonhar é invariavelmente um desejo.

O sonho é produto de subjetividade, acredito que se tive a sorte de sonhar de olhos fechados mas também abertos foi por que tive o suporte afetuoso de cada um que caminhou comigo, e a estes dedico a minha trajetória, pois faço parte de uma comunidade sonhadora, e talvez de uma utopia.

RESUMO

Essa investigação busca traçar pistas oníricas sobre as infâncias e responder perguntas que atravessaram meu caminho como docente na educação infantil e bolsista de iniciação científica no projeto Onírico: o primeiro jornal oniropolítico do Brasil. É através da metodologia cartográfica que busco compreender o que sonham as crianças do nosso tempo e como narram e registram suas produções oníricas, fazendo uma investigação qualitativa com entrevistas semiestruturadas de duas crianças de 5 anos das quais me debrucei sobre seus sonhários (diários de sonhos) que foram produzidos através de desenhos e registros também feitos por suas responsáveis. Neste percurso me uno a autores como Sidarta Ribeiro e Ailton Krenak para compor uma outra cosmologia sobre as infâncias e apresentar suas narrativas oníricas como elementos fundamentais sobre o seu desenvolvimento, apresentando como resultado pistas em suas falas e registros que contam sobre si, suas hipóteses sobre o mundo e como esses elementos oníricos se misturam também com o desejo e elaboram-os enquanto sujeitos da infância e cidadãos.

Palavras-chave: Sonho; Infância; Sonhário; Constituição do sujeito.

SUMÁRIO

1. EU SEI QUE SONHO.....	7
2. O SONHO.....	9
3. CARTOGRAFIA ONÍRICA.....	13
4. AS CRIANÇAS.....	16
5. OS SONHÁRIOS.....	18
6. AS CRIANÇAS E OS SONHOS.....	19
7. AS INFÂNCIAS SONHAM.....	27
8. REFERÊNCIAS.....	30
APÊNDICE A	
APÊNDICE B	
9. ANEXOS.....	36

1. EU SEI QUE EU SONHO

A trajetória que constrói este trabalho não é linear (e nem mesmo tem essa pretensão), portanto convido a(o) leitora/leitor a embarcar neste processo, como quem busca pistas, a traçar um mapa para talvez ao final destas páginas (e somente delas não do sonho) olhar o todo enquanto parte e a parte como todo e buscar nesses caminhos respostas para as perguntas que me trouxeram até aqui: “Como sonham as crianças do nosso tempo? Como narram e registram suas produções oníricas?”. É destes pontos de interrogação que busco friccionar os campos que se debruçam sobre as infâncias, para trazer o sonho como elemento relevante da produção de suas subjetividades. Mas é também de mim que parto nesta jornada, uma mulher branca, ao sul da América do Sul, atravessada pelo paralelo 30°.

“Calma é só um sonho” dizia minha mãe quando me encontrava perambulando pela casa falando com o vento nos episódios de sonambulismo da infância, e pela mão me conduzia até a cama, um lugar seguro para continuar construindo e quiçá elaborando outras realidades. Desde pequena os acontecimentos da rotina criavam trilhas oníricas no meu inconsciente que me faziam percorrê-las repetidamente durante a noite, ao contrário do que apontam algumas pesquisas, os sonhos não são apenas um mecanismo de higiene mental, afinal podem ser recorrentes.

Os acasos me conduziram de volta à infância e foi como docente que revisei as narrativas oníricas, os meus ouvidos atentos captaram as conversas pela sala, relatos épicos que misturavam desejo, fantasia, brincadeiras, filmes e tinham como pano de fundo o realismo onírico. O despertar atencioso a temática é também fruto da minha participação enquanto bolsista de iniciação científica, no projeto intitulado Ainda sonhar: rastros oníricos do nosso tempo, de onde nasce o jornal O Onírico: o primeiro jornal oniropolítico do Brasil, que tem publicação anual e conta com uma comunidade sonhadora para compor matérias sobre outra realidade não desperta, foi em contato com essa produção científica-política-artística que tive a sorte de ser sensibilizada a este olhar e assim traçar a minha caminhada de pesquisa.

O sonho então chegou como ferramenta narrativa, era território onde tudo podia acontecer, até mesmo nada, e ter consciência de sonhar permitia que as

crianças contassem fatos que olhados pela ótica da vigília seriam talvez “repulsivos” mas sendo eles do imaginário eram aceitos. Internamente comecei a percorrer os meus rastros oníricos e perceber que eles estavam diretamente ligados às crianças, e que elas também se constituíam a partir do que sonhavam e como adquiriram uma cultura oral de contar os sonhos uns aos outros. A minha aproximação foi se afunilando à particularidade de duas crianças que, por impulso da memória, desenhavam ao acordar o roteiro que criavam ao dormir. Os registros oníricos analisados foram esculpidos prioritariamente de duas formas, em desenho e escrita autoral em um caderno e de forma oral redigida por uma familiar. Os sonhários foram distintos, de um lado um filme dispara um gatilho, anuncia que há outro lugar a ser habitado, e desenhá-lo se torna uma forma de guardá-lo em algum lugar mais próximo dos olhos abertos, de outra forma uma mãe que junta as memórias oníricas da filha, como num baú, um presente sendo embalado, coleta as falas os movimentos, (re)conta tudo para não esquecer, guarda, escreve, para dizer que ali houve mergulho em si, no desejo de si.

Os sonhos nadam na linha do mar, submergem e voltam à superfície trazendo à consciência elaborações de traumas, estratégias para questões pessoais, acalento para o passado e talvez previsões para o futuro. O fato é que, saber que se sonha, é ter em mãos um mapa para percorrer as trilhas do inconsciente e constituir-se, enquanto sujeito que se permite mergulhar nas próprias águas.

Essa investigação pretende compreender como as crianças narram e representam seus sonhos a partir do material dos sonhários, que são diários oníricos, e perceber como são feitas as colocações sobre si, apontando relevância dos sonhos para o desenvolvimento infantil e, também, mapear o que sonham as crianças do nosso tempo. Apontando as suas produções como marcas significativas de que é possível contar e, mais do que isso, elaborar entendimentos de mundo a partir dos sonhos desde as crianças mais pequenas. Tendo em vista indícios que apontam que o universo onírico acompanha a nossa evolução enquanto espécie, o mesmo pode estar presente também no desenvolvimento do ser já em sua formação fetal, o que me leva a crer que o mundo não desperto elabora o indivíduo e seus relatos devem ser considerados ao olhar principalmente para as crianças.

2. O SONHO

Queria eu guardar tudo que amo no castelo da
minha imaginação (EMICIDA, 2019)

Quando falamos em sonhos é muito provável que a figura de Sigmund Freud apareça em primeiro plano, uma vez que sua obra *A interpretação dos sonhos*, publicada na virada do século XIX para o XX, mostrou-se também um ponto de virada na forma como se via os sonhos até então. O inconsciente passou a ser compreendido como uma grande personagem nas tramas oníricas dos sujeitos, contrapondo-se à matriz objetiva e positivista com a qual as ciências humanas e da saúde lidavam à época. Contudo, na virada do século XX para o XXI, muito em função da crítica à colonialidade que marcou não somente as ciências duras, como a própria psicanálise, nitidamente branca, europeia e burguesa. Pensadores como Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro tem se ocupado em conduzir as discussões sobre os sonhos a um patamar não individualista, trazendo outras cosmologias e epistemologias. É em sua obra *Futuro Ancestral* que Krenak convoca as infâncias como promotoras do novo e não apenas do futuro:

As crianças, em qualquer cultura, são portadoras de boas novas. Em vez de serem pensadas como embalagens vazias que precisam ser preenchidas, entupidas de informação, deveríamos considerar que dali emerge uma criatividade e uma subjetividade capazes de inventar outros mundos - o que é muito mais interessante do que inventar futuros. (Krenak, 2022, p.100)

E nos convida a compreender as crianças para além das tábulas rasas ou mesmo da ideia de que são elas a esperança de um futuro que nem sequer existe, mas são potências de imaginar novos mundos ou paraquedas-coloridos (KRENAK, 2020) para a nossa queda livre enquanto sociedade. As crianças, como sujeitos criadores de subjetividade, têm no sonho um lugar seguro para refugiar e testar suas hipóteses, criar estratégia, brincar com o imaterial e traçar rumos para sua própria interação com o mundo. Segundo Sidarta Ribeiro em seu livro *O Oráculo da Noite*:

Cada sonho é um ensaio em si mesmo, uma possibilidade de representação que pode fracassar na primeira imagem, tropeçar na primeira cena, ou seguir em fabricação dinâmica até formar uma catedral de significados, com imensa liberdade de variações que vão desde o sonho das imagens imperfeitas e mortíferas, bailado de sombras desandado em associações reprováveis, que pode causar sustos terríveis ou levar a situações tristes e lamentáveis, como também tecer

enredos de profunda ressonância com as emoções vitais do sonhador, cheio de detalhes que se encaixam comoventemente para gerar uma composição autoral e verdadeira de si. (RIBEIRO, 2019, p.268)

Ou seja, o sonho é um produto da nossa subjetividade que pode ser acessado por fragmentos de narrativas contadas em período desperto, mas que não invalidam a potencialidade do que foi vivido em período onírico. Como bem destaca Freud:

“(...)não são arbitrárias as modificações que o sonho sofre na redação de vigília. Elas permanecem em relação associativa com o conteúdo em cujo lugar se colocam e servem para nos mostrar o caminho a esse conteúdo que, por sua vez também pode ser o substituto de outro” (FREUD, 2012, p.542)

Sendo assim, as colocações feitas nos relatos oníricos, abrem espaço para escolha de palavras que serão articuladas para expressar tal vivência, e nessas escolhas que estão depositadas boa parte das marcas que nos constituem, pois “no fundo não conhecemos o sonho que queremos interpretar, ou melhor, que não temos nenhuma garantia de conhecê-lo tal como realmente aconteceu” (FREUD, 2012, p. 539). Como diria também Gaston Bachelard “Sonhamos enquanto lembramos. Lembramos enquanto sonhamos” (1988, p.96), e é por assumir que somos parte desses pedaços de inconsciente que conseguimos fazer emergir conscientemente que elaboramos entendimentos sobre o mundo e as vivências, não apenas de forma individual, mas enquanto um coletivo que verbaliza também para se escutar e reelaborar-se também a partir da escuta atenta do outro, neste caso o ouvinte seríamos nós adultas disponíveis a acolher os relatos das crianças, atentas às suas representações.

Contar um sonho é aceitar partilhar com alguém algo profundo do seu íntimo, apresentar desejos e anseios, o que se mistura com os devaneios e alçam vôos que só permitem o salto do relato se em segurança, é um ato de confiança, iria além para afirmar que é de amor, “ Amor fati. Amor ao fato. Amor ao destino de um sonho. Menos como fantasmas e mais como traços de quem escreve e constitui-se em movimento de vida-obra.” (COSTA, BIATO, 2019, p.155). Por isso é grande a responsabilidade de quem assume o sonho como elemento fundamental da existência, pois quando de frente a um universo que lhe é exposto do mais íntimo

desejo de alguém, é preciso cuidado para não tomar como inválidas ou sem coerência as palavras escolhidas para compor a narrativa.

Os enredos oníricos acompanham um processo de desenvolvimento, e são maturados “se desenvolvem com o tempo, conforme amadurecem a percepção, a motricidade, a linguagem e a socialização.” (RIBEIRO, 2019, p.104), ou seja, compõem-se com mais elementos e de uma estrutura maior, conforme o indivíduo se desenvolve e adquire repertório vivencial para sonhar pois “O cérebro que sonha é o mesmo que vive a vigília, por isso quanto mais complexo o tecido mental, mais complexo o sonho” (RIBEIRO, 2019, p.114). Por esse motivo, há uma dificuldade na elaboração de pesquisas mais profundas que explorem o sonho das crianças, tendo em vista a aquisição da linguagem ainda em desenvolvimento e a maturação cerebral, sobre as fases de desenvolvimento onírico Sidarta Ribeiro destaca:

O principal entrave para investigar o conteúdo dos sonhos da infância vem do agravamento máximo, na fase pré-verbal, da dificuldade inerente a qualquer estudo dos sonhos dispor apenas da sua elaboração secundária. Se a matéria-prima desse tipo de estudo é sempre uma narrativa a posteriori realizada por uma pessoa desperta, editada de modo mais ou menos consciente para preencher lacunas e aumentar a consistência interna, como saber o que de fato foi experimentado pelo seu sonhador nos recônditos da sua própria mente (RIBEIRO, 2019, p.107)

Ainda sim, procuro pensar que se estimuladas a sonhar desde o mais terno momento, as crianças podem trazer potentes relatos, que mesmo misturados com devaneios, brincadeiras e desejos, compõem essa trilha de si, afinal “no interior de seu próprio sonho ninguém deixa de ser andarilho” (COSTA, BIATO, 2019, p.154).

Na esteira dessas discussões, assumo os sonhos não apenas como uma propriedade privada, mas também como manifestações ancestrais. Antes mesmo de nos constituirmos enquanto sujeitos da linguagem, os sonhos já estão presentes como reveladores e produtores de subjetividade. Ao contrário do que apontam algumas teorias, os sonhos não são apenas um mecanismo de higiene mental mas, sobretudo, instâncias criadoras e conectoras, redes de ativação de saberes e sensibilidades que estão para além de saberes legitimados pelos privilégios das

ciências ditas científicas. Busco assim como Krenak “Um lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho” (2020, p.65)

3. CARTOGRAFIA ONÍRICA

Cartografar é conectar afetos que nos surpreendem e, para tanto, na formação do cartógrafo é preciso ativar o potencial de ser afetado, educar o ouvido, os olhos, o nariz para que habitem durações não convencionais, para além de sua função sensível trivial, ativando algo de supra sensível, dimensão de virtualidade que só se amplia à medida que é exercitada. O cartógrafo, assim, vai criando corpo junto com a pesquisa. (Pozzana, 2014, p. 63).

Inauguro este capítulo apresentando a cartografia como um encontro que como diz Virgínia Kastrup em seu texto O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo: “Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim” (KASTRUP, 2007, p.15), mas investiga um processo de produção, a partir de uma atenção concentrada e aberta, caracterizada por quatro variedades: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. Em meu percurso de investigação, apresento cada momento de atenção. Inicialmente em um rastreio que Kastrup define como “um gesto de varredura do campo. Pode-se dizer que a atenção que rastreia visa uma espécie de meta ou alvo móvel.” (KASTRUP, 2007, p.18) me posicionei como docente com olhar atento que mapeia o território de sala e as relações das infâncias ali presentes. Em seguida o toque que é definido pela autora como “uma rápida sensação, um pequeno vislumbre, que aciona em primeira mão o processo de seleção.” (KASTRUP, 2007, p.19) claro na minha relação de troca e afeto com as crianças, mas também de minha escuta atenta mesmo às conversas rápidas, num lapso. Na sequência o pouso da minha escuta às suas narrativas que são atravessadas pelo onírico, e carregam o sonho como parte de suas representações gráficas e de expressão dos desejos que são narrados também sobre o pressuposto do sonho, sendo este um gesto que “indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom.” (KASTRUP, 2007, p.19). Em continuação, o reconhecimento atento, que visa o ajuste da atenção, que questiona “O que é isso?”, que exige a reconfiguração do território de observação, ou seja, me convida a olhar para o processo da infâncias, com algumas perguntas, que traçam linhas para essa investigação: como as crianças narram e representam seus sonhos a partir do material dos sonhários, (que são diários oníricos)? Como são feitas as colocações sobre si?

Convoco a cartografia ao campo onírico das infâncias nessa investigação por compreender que este é um processo de mão dupla e não objetifica as crianças como elemento estéril e/ou distantes, mas aproxima pesquisadora e pesquisados num caminho de fazer com. Desta forma entendo que o percurso cartográfico como ato político(CAVAGNOLI, MAHEIRIE, 2020), não como uma busca de consensos pacificadores, pois:

“A política se evidencia, ao contrário, quando são verificáveis movimentos capazes de criar brechas nos modos de apresentação do real, que se engendram novas configurações ao pensamento e ao campo de experiências. A política deve ser lida, desta maneira, como movimento ligado a subjetivação, à abertura de campos de sentido inéditos que disponham no comum novas configurações(RANCIÈRE,1996)” (CAVAGNOLI, MAHEIRIE, 2020, p.66)

Entendendo também que a investigação não é neutra, e é essencialmente interventiva, tendo em vista:

“A condição para problematizar as naturalizações e para ultrapassar as verdades consentidas estaria sujeita a qualidades dos encontros que experimentamos em nossa existência. O trabalho do pensamento, situado na trama relacional entre pesquisadores e pesquisados, portanto, remete a uma política de produção de conhecimento que investe na emergência de outros mundos possíveis e, por isso, não se separa da intervenção em nenhum de seus movimentos” (CAVAGNOLI, MAHEIRIE, 2020, p.66)

Portanto, é através da Cartografia, que desenvolvi um estudo de caso de dois sonhos. A partir da abordagem qualitativa de caráter descritivo investigativo, realizei entrevistas com as crianças e seus responsáveis para compreender como foram gestados estes cadernos e registros. Para além, como se narram as crianças a partir de seus registros oníricos. Esta investigação também visa apresentar pistas oníricas sobre as crianças, e talvez lançar o olhar esta brecha que tem como linha de fuga, o sonho. Buscando propor uma concepção de infância, que extrapola as leituras positivistas com blocos de desenvolvimento marcados por etapas e saltos cognitivos, como um acumulado progressivo de uma estrutura única de infância. Para além visou apresentar como um processo múltiplo que é plural, e que nesse recorte, pousa sobre o sonho como possibilidade.

As entrevistas foram feitas a partir de um roteiro semi estruturado (Apêndice A), as perguntas foram pensadas para compreender inicialmente o contexto social da criança, buscando elementos como idade da criança, nome e idade dos

responsáveis, profissões que exercem, o bairro onde moram e a sua autodeclaração racial, em continuidade busco entender um pouco do processo de desenvolvimento da criança, e a sua relação com o momento de dormir e o de sonhar, interrogando sobre possíveis traumas, período de desfralde, e se dorme acompanhada(o). Para também compreender como são feitos os registros (por desenhos; narrados; escritos; ao acordar ou em momentos variados), buscando por pistas da relação entre o registro e o sonho perpendiculares ao desejo. Aprendendo a maior parte do processo para escutar as crianças contarem sobre seus sonhos e seus registros, apresentando o material coletado (sonhários) como suporte para a conversa. As entrevistas foram gravadas áudio e vídeo para posteriores análises, sem captura do rosto, e foram autorizadas pelos responsáveis (Apêndice B).

4. AS CRIANÇAS

A minha escolha pela docência não foi à primeira vista, mas foi neste caminho que tive a sorte inevitável do encontro com as infâncias que romperam barreiras cruciais na minha constituição pessoal e profissional. Foi no contato diário com as crianças que encontrei a potência que me movimentava, foi na sala, nas brincadeiras e nas conversas que entendi um pouco sobre meu lugar no mundo, e que seria com elas que queria trilhar um percurso de descobrimento, pude me encantar e perguntar de novo o que já me parecia pronto: “joaninhas tem dentes?”, os pontos de interrogação e de exclamação, questionavam e afirmavam coisas com tamanho peso que me colocavam em movimento. “Eu sonhei que...” ouvi de uma menina na sala (a chamarei de Rosa Pink¹), foi ela que me contou muitas histórias que se passaram entre o universo do seu desejo e o onírico, com ouvidos atentos, seguimos pelas conversas sonhadas por algum tempo. Em certo momento descobri pelas redes sociais, que mais um aluno havia começado a registrar desenhos de seus sonhos (vou chamá-lo aqui de Pelé), quando nos encontramos perguntei sobre os seus desenhos e os relatos foram escassos, sem muito interesse de manter o diálogo a brincadeira e o futebol pareciam mais apropriados para o espaço escolar. Dentre alguns relatos cotidianos de sonhos, e essa palavra que se misturava nas narrativas e brincadeiras, escolhi trazer como recorte essas duas crianças que apresentaram por um longo período de 2022 (quando tínhamos contato direto professora/aluna) e 2023 (quando tínhamos contato pelos corredores da escola), uma certa constância em narrar e representar sonhos.

Rosa Pink é uma menina que começa a narrar sonhos por volta dos 4 anos de idade com a família que costuma incentivar e captar os relatos. É uma menina branca, filha de mãe e pai igualmente brancos e moradores de um bairro de classe média, com acesso de qualidade a recursos como saúde, lazer e educação. Faz acompanhamento fonoaudiológico, e não tem questões de saúde relevantes. Amante de cachorros e de música, dança como caminha e ri como fala, muito e de forma grande. Com 5 anos, segue traçando relatos oníricos que atravessam o desejo e o sonho mais “concreto”.

¹ Os nomes representativos foram escolhidos originalmente pelas crianças pesquisadas.

Pelé também inicia os seus relatos também por volta dos 4 anos, é um menino branco de mãe igualmente branca e pai autodeclarado pardo, separados, ambos moradores de bairros de classe média, com acesso de qualidade a recursos como saúde, lazer e educação. Não necessita de acompanhamento clínico, pratica futebol e natação no período fora da escola, é um amante do Sport Club Internacional, habilidoso ciclista e apaixonado por gatos e cachorros. Costuma dormir com os adultos e está se acostumando a embalar as noites em seu quarto, com 5 anos segue traçando registros gráficos em seu caderno, e contando as suas vivências oníricas no café da manhã, às vezes no café da tarde.

5. OS SONHÁRIOS

“Descrever os sonhos imediatamente ao despertar é uma prática simples que enriquece enormemente a vida onírica: em poucos dias quem jamais os recordara começa a preencher páginas e mais páginas de seu diário de sonhos, ou sonhário, recomendado desde a Idade Antiga para estimular a rememoração onírica” (RIBEIRO, 2019, p. 17)

Aqui ressalto o sonhário como forma de registro físico e individual em forma de desenhos no caderno como faz o Homem Aranha, mas também um registro que é oral e escrito pela mãe da Rosa Pink. Os relatos e registros surgiram de formas distintas em cada um dos casos, para o Pelé, o disparate foi um filme chamado “As Aventura de Sharkboy e Lavagirl” onde um dos personagens principais(Sharkboy) tem um caderno de sonhos que o faz viajar pela imaginação e lutar contra o Sr. Elétrico que quer acabar com os sonhos para sempre, para derrotar o vilão ele conta com a ajuda da sua companheira(Lavagirl). O filme despertou o interesse pelo assunto por volta dos 4 anos e fez surgir o desejo de ter um caderno de sonhos também ao lado de sua cama, a recorrência da brincadeira trouxe a tona produções oníricas de fato, para além da ordem apenas do desejo de brincar e imaginar, mas fragmentos de vivências não despertadas que se tornaram mais consistentes ao passar do tempo. Com a Rosa Pink os registros foram escritos principalmente pela mãe, os relatos começaram por volta dos 4 anos através de conversas principalmente no café da manhã onde a família também costumava partilhar alguns sonhos, e a frequência desses relatos trouxe o sonho inicialmente como recurso narrativo do seu desejo, onde era possível contar e explorar a imaginação, esses relatos foram tomando páginas e anotações de sua mãe que percebeu e incentivou uma constância nos discursos que também se tornaram mais consistentes aos passar do tempo. Nos dois casos os registros não são (e nem precisam ser) precisamente diários, mas tomam uma forma fluída, um impulso que vem de contar sobre si e seus entendimentos de mundo, nem todos os dias lembramos dos sonhos, mas se incentivados conseguimos compor uma bibliografia maior sobre nós. Esses registros são importantes, pois feitos individualmente ou escritos fielmente por outro alguém, guardam uma parte preciosa dessas infâncias que trazem no sonho marcas das suas construções.

6. AS CRIANÇAS E OS SONHOS

Nós é onde a palavra é dobrável-sonho- (meu)

Para compor esta investigação, mais do que apenas observar os registros, convoquei também às crianças a contarem sobre eles. Com entrevistas semi estruturadas marquei com cada criança e responsável em lugares diferentes e momentos diferentes, buscando preservar o foco atencional para a dinâmica, por isso evitei espaços como casa ou escola, valendo-me também do nosso vínculo pré-estabelecido para que todas(os) presente se sentisse o mais confortável possível para contar os seus sonhos.

ROSA PINK

A primeira entrevista foi com a Rosa Pink e sua mãe, numa manhã ensolarada, combinamos em um lugar especial, um restaurante que mais parece um oásis, onde os animais (galinhas, porquinhos da Índia e cachorros enormes) circulam livremente pelo espaço, fazendo companhia a quem se permite uma pausa em meio às árvores e o mais próximo do silêncio que se consegue chegar em uma avenida movimentada de cidade. Neste cenário, escolhemos uma mesa no meio do pátio, que quase vazio nos deu a privacidade necessária para o encontro, após algumas conversas para quebrar o gelo, fiz questão de apresentar novamente a investigação e pedir mais uma vez a autorização da Rosa e de sua mãe para gravar nossa conversa, feito o aceite, posicionei o telefone e dei início a nossa conversa pela adulta responsável.

Os relatos trazem um panorama de uma criança que inicia o período de dormência acompanhada, e finda a noite sozinha no seu quarto, utilizando ainda a fralda para possíveis escapes noturnos. Ao longo da conversa Rosa Pink também foi compondo a fala da mãe com as suas memórias e apontamentos, trouxe como primeira narrativa um episódio de pesadelo no qual acordava dizendo “ não abre, não abre, não abre”, e assustada pergunta “ é um sonho né mamãe?” que gentilmente responde “sim amor, é um sonho!”. Os pesadelos costumam ser os

primeiros a chegar na consciência onírica, causando confusão entre a linha do real e irreal, por onde caminham crianças bem pequenas. Sidarta Ribeiro destaca:

Entre 3 e 5 anos de idade os sonhos são infrequentes e tipicamente pobres, com pouca e imagética, desprovidos de movimento e emoções fortes. Por essa razão, os relatos de pesadelos aterradores, apesar de serem comuns nessa idade, muitas vezes refletem vivências originadas logo após o despertar: um medo originado não do sonho mas da experiência desorientada e por isso mesmo assustadora de acordar num quarto escuro. Os sonhos nessa faixa etária refletem um sistema cognitivo imaturo, com grandes limitações de representação que não dão suporte e simbolismos complexos, insólitos ou fantásticos. (RIBEIRO,2019, p.109-110)

mas é preciso ter cautela com as taxativas que marcamos as crianças principalmente no campo acadêmico, pois em larga escala(ou seja, num geral) os sonhos das crianças bem pequenas são de pouca imagética e a eles também não temos tanto acesso por conta da imaturidade narrativa, contudo o autor também ressalta:

Estudos mais recentes confirmaram esse padrão geral de desenvolvimento onírico, mas observações realizadas fora do contexto laboratorial, na residência dos voluntários por exemplo, mostraram que crianças pequenas também podem produzir relatos de sonhos ricos em movimento, interação social, emoção, diversidade de personagens e representação ativa do eu, desde que haja maior familiarização ao ambiente (RIBEIRO, 2019, p.115)

e é nesta perspectiva que essa investigação caminha, tendo em vista registros e relatos feitos in loco, ou seja, na casa das crianças, em um ambiente conhecido e confortável.

Segundo relatos da mãe de Rosa, as narrativas iniciais se aproximavam mais das vivências oníricas, parecendo ser mais “espontâneas” e também curtas. À medida que houve maior incentivo de falar sobre os sonhos, apareceram relatos mais extensos mas também mais atrelados ao desejo, como por exemplo, “sonhei que pegava algo da minha prima”, o que ainda assim não invalida os relatos originalmente oníricos, pois seguimos na pista das falas noturnas e das lembranças matinais. Rosa Pink traz com frequência sonhos envolvendo a neve, o que acompanha uma história de vivência da família que lhe mostrou fotos de uma viagem feita pelo casal a um lugar com neve, em associação a uma das suas personagens favoritas, Elsa do filme Frozen. As ocorrências mesmo que apresentem

diferentes contextos, vêm atreladas a sensações como “a neve era geladina”, ou “o cavalo de gelo que não tocava o chão”, e mesmo que em tempo desperto não tenha conhecido a neve, suas elaborações oníricas já promovem sensações e interações que passam pela ordem do desejo. Há também a composição com demais personagens, fictícios e cotidianos como a própria Elsa ou ladrões, mas também sua mãe, ou de locais como a escola, que são esporadicamente representados em desenhos soltos, mas principalmente registrados por contos escritos pela mãe.

<p>Sonho 23/01/2023</p> <p>Eu toco na neve da duna e ela está bem geladina, estamos no sul. Quando todo mundo já terminou de descer, eu dou a mão para o ladrão e solto.</p>	<p>Sonho 3/11/2023</p> <p>Rosa Pink sonhou que era a Elsa, que tinha os poderes iguais aos da Elsa e que andava no cavalo dela (de água de gelo) e andava muito pouco no chão</p>
<p>Sonho 2023 (não anotei data)</p> <p>Rosa Pink sonhou que ia no parque de diversões e que tinha um brinquedo que ia muito alto. Ela subia, subia e subia e, quando estava muito alto, caía</p>	<p>Sonho 2022</p> <p>Rosa Pink estava na escola, no pátio da frente, com os colegas. Eu estava junto. Aí apareceu uma aranha e jogou uma teia na mão da Rosa Pink e ela ficou com a mão presa na teia.</p>

Os tempos do nosso diálogo foram atravessados também por um corpo que precisa de movimento, as mãos que mexiam na água e os pés que balançavam embaixo da mesa em certo momento precisaram levantar, trocar de assunto. Ao longo deste processo percebi que a introdução de cada sonho, quando inicialmente narrado por mim, provocava respostas curtas às minhas perguntas de “como foi esse sonho?” “foi legal”, “tu lembra desse sonho?” “não”, mas à medida que eu trazia mais elementos dos registros ela se permitia ampliar a história e rir de alguns fatos ou contar alguma sensação como “eu fiquei assustada” ou “tive medo”. Por isso novamente me alio a Sidarta Ribeiro que diz:

Se os sonhos das crianças são pobres em emoções e imagens, estático e até contemplativos, o amadurecimento dos sonhos até a vida adulta desemboca em um rico processo onírico no qual o sonhador se torna o agente principal dos eventos, isto é, um operador ativo imerso em seu cenário

virtual interior-que normalmente não controla, mas habita.
(RIBEIRO, 2019, p.118)

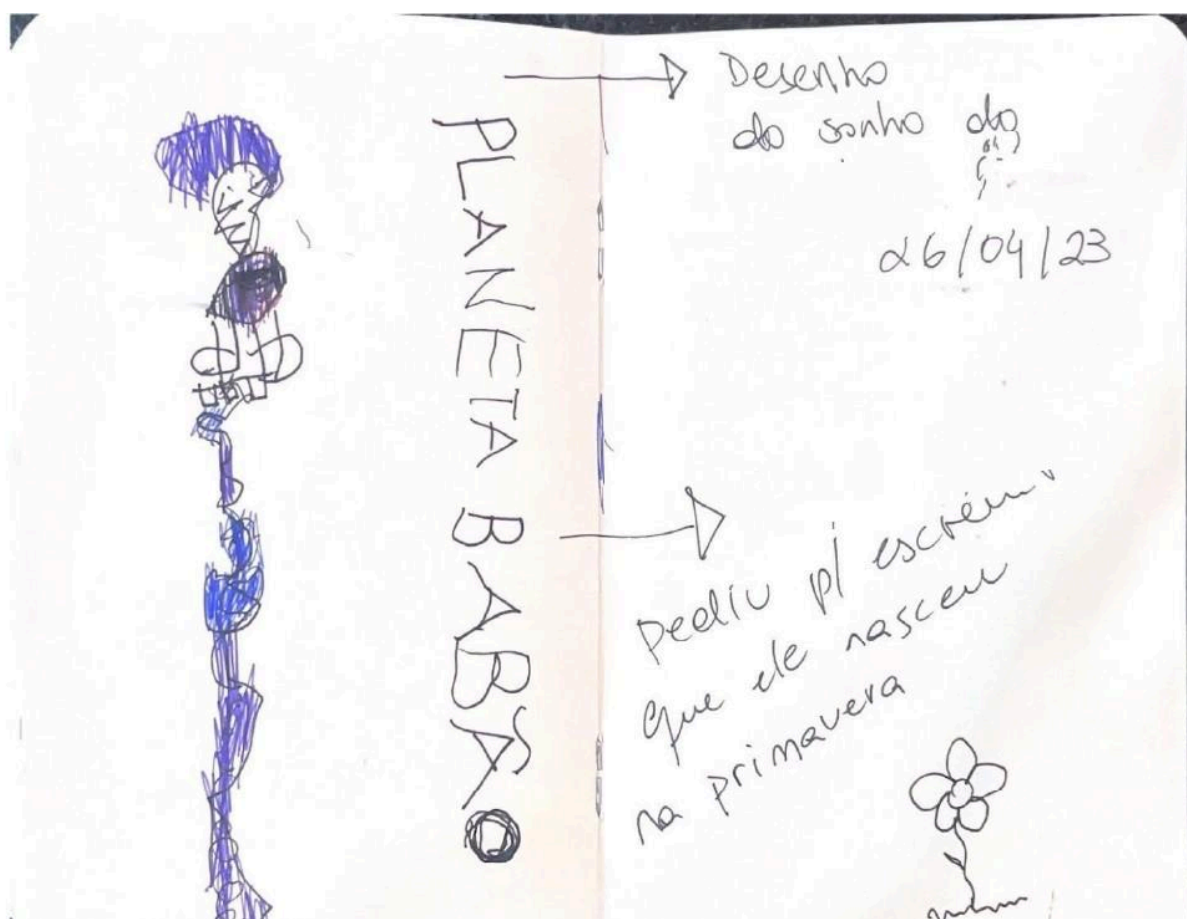
Percebo, pois, que em sua construção sonhadora há um processo que evolui em suas composições e que é ressaltado pela própria mãe da Rosa. Mesmo que os relatos não sejam diários, e passam por períodos de platô, há um processo em curso que conta sobre sua trajetória, invoca suas sensações e principalmente seus desejo, unindo-se às suas interações de mundo, traçando hipóteses e possibilidades na linha do imaginário que a constitui como indivíduo da infância e mais do que isso como ser humano em desenvolvimento que tem no sonho um mapa com pistas importantes sobre si.

PELÉ

Em outro momento marquei o encontro com o Pelé e sua mãe, nos encontramos ao final da tarde, após a escola combinamos um sorvete. Na sacada da sorveteria, em um espaço aberto, era um anoitecer de verão quente e a todos caíria bem um bom sorvete, em uma mesa reunimo-nos também com a sua família, avós, dindo e dinda, tia, mãe e balão, um desses bem grandes transparentes que mais parecem bolhas de sabão presas por um fio. Ali me apresentei à família e como se já fizesse parte daquele contexto falamos sobre sonhos e como eles surgem, contamos alguns, como fariam nossos ancestrais mas longe do fogo nos rodeamos envolta do sorvete. Fiz questão de apresentar a pesquisa, retomar o assunto e mais do que isso convidar novamente que Pelé compartilhasse comigo um pouco de si. Composto o cenário, posicionei a câmera para gravar um recorte de um tempo que já vinha acontecendo.

Como na primeira entrevista, iniciamos com perguntas que trouxessem pistas sobre o recorte social da criança, incluindo seu nome, sua idade, nome dos responsáveis, bairros onde moram, autodeclaração racial, desfralde, possíveis traumas. A conversa foi guiada principalmente pela mãe, que foi colo para esse momento, ajudando o Pelé a contar sobre seus sonhos e encontrá-los em seus registros. O panorama que se apresenta é uma criança que com a sua mãe costuma

dormir junto, e com o pai dorme em seu quarto separado, não faz mais o uso de fralda diurna nem noturna, e inicia os seus relatos oníricos por volta dos 4 anos, já tendo algum contato com esses discursos matinais tem o disparate inicial através de um filme e passa a dormir as noites com o seu caderno ao lado da cama. Para apresentar o seu sonhário, Pelé opta por buscar o seu primeiro sonho(registrado, não vivido), se passou no planeta babão,



“aquele do filme, lembra que a gente viu?” diz ele ao olhar para mãe, “ e o que você sonhou?” questiono, “ a mesma coisa do filme” ele responde(logico para mim que nunca conheceu o planeta babão, nem mesmo o do filme). Percebo que as respostas também são vagas, curtas e não recorrem a muitos elementos extras ao que já está posto no caderno, mas há um grande interesse em folheá-lo e a sua expressão parece reconhecer exatamente o que era sonho vivido e o que era desenho livre feitos nas folhas que sobraram.

O caderno não parece seguir uma linha, é de fato como um sonho, uma colagem de vivências e desejos que são feitos na primeira folha em branco que aparece ao abrir, sem pé nem cabeça, sem cima ou embaixo, direita ou esquerda, os registros datam dia/mês e por vezes ano, mas não guardam ordem, início/meio/fim, fica claro o processo que registra pensamentos e sonhos sem uma frequência constante ou exata, fica no tempo do sonho. Os relatos seguem por aproximações com as vivências do Pelé, por exemplo, o seu sonho sobre estar surfando uma cachoeira,

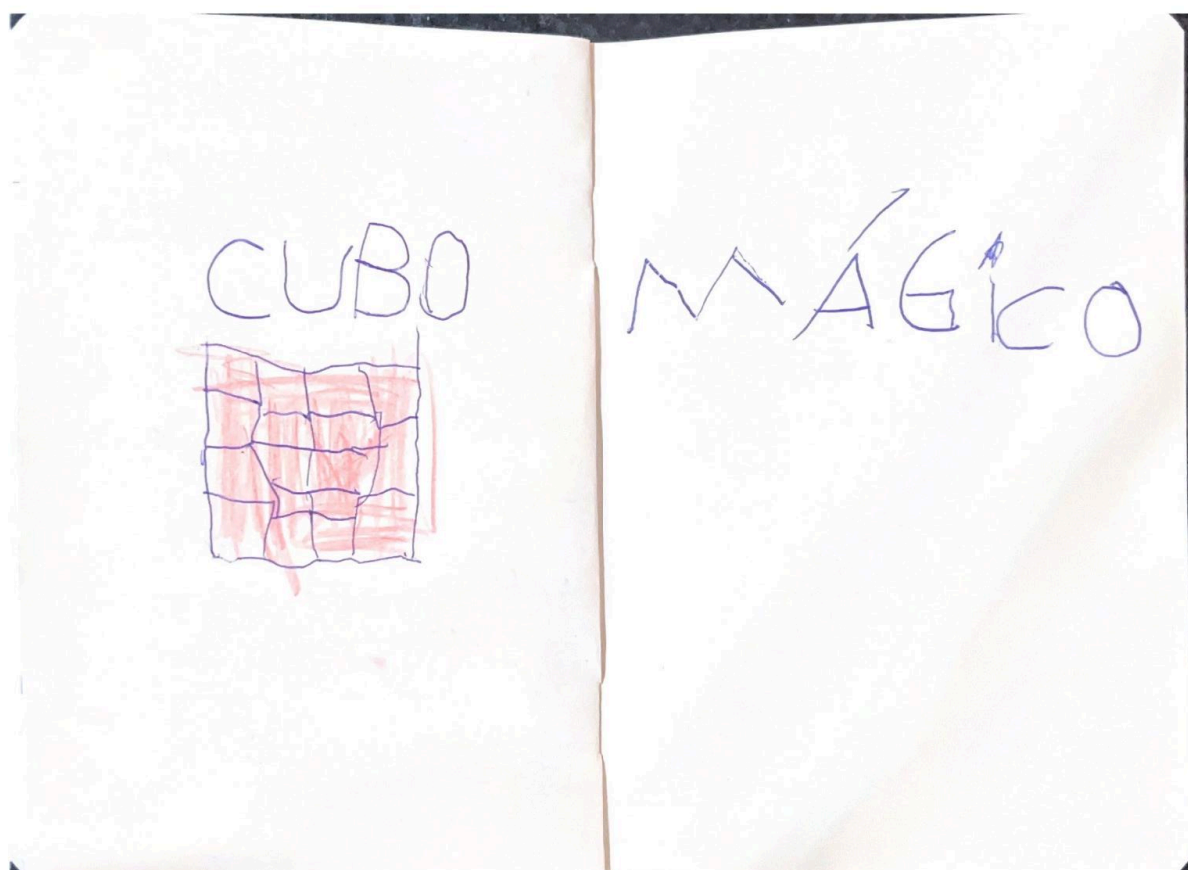


remete também a experiência vivida naquele mesmo dia de conhecer uma cachoeira e talvez em sonho poder continuar ali de outra forma, compondo novas possibilidades até mais radicais para o fato, novamente convoco Sidarta para dizer que:

Os sonhos evoluíram como uma função adicional ao sono, capaz de simular comportamentos antes de testá-los na vida real. Para situações-limite, verdadeiramente perigosas, os sonhos são criadores de vida que escapa da morte. (RIBEIRO, 2019, p. 331)

Sendo assim, os sonhos podem também ocupar um lugar de testar hipóteses, assim como a brincadeira feita em período de vigília pode criar cenários para treinar

possibilidades sobre o mundo, os sonhos criam cenários que podem ajudar o indivíduo a elaborar suas dúvidas e testar suas ideias com criatividade e singularidade. Percorrendo essas pistas oníricas, mantenho minha escuta atenta às suas colocações, e mais do que isso a sua linguagem corporal que comumente convoca por olhar a mãe nessa missão de retomar os sonhos. Chega na página das flores “Pelé pediu para escrever que sonhou que nasceu na primavera” escreveu a mãe ao lado do desenho de uma flor, um fato onírico e vivido, ele desabrochou com as flores e guardar essa informação em sua memória onírica, apresenta mais um pouco sobre o seu entendimento de si. Entre resposta de “não lembro” e um conto, há uma frase que salta ao um desenho de cubo mágico, “esse é um cubo mágico” ele diz,



“eu não sei montar cubo mágico” eu respondo, “eu também não, mas no meu sonho eu sei” ele completa, como diz Victor Hugo no livro Os miseráveis “ o pensamento

supõe a vontade, o sonho não”(2012, p.1015), ou seja, é possível conseguir feitos em sonho que revolucionaram a vontade.

Segundo a mãe que acompanhou a entrevista, o princípio das narrativas pareciam mais simples e de ordem mais desejada, com elementos de querer e de representação de um filme e personagens que acionaram mais profundamente o gatilho dos sonhos como parte da brincadeira como bem diz Carla Rinaldi “Ao representarem o mundo, nossas teorias representam a nós mesmos” (RINALDI, 2021, p. 123). Com a continuidade dos estímulos de contar os sonhos e falar sobre o assunto, as narrativas parecem tomar maior forma, compondo mais elementos de lugares e pessoas presentes, como amigos, a escola, a natação, familiares, quando perguntado sobre o momento de desenhar a respostas foi clara “desenho quando eu lembro do sonho” e deixa explícito que mesmo com “treino” o sonho emerge do inconsciente quando quer, não sabemos exatamente quando ou quais serão os gatilhos que trarão a linha da consciência uma vivência onírica.

Como de esperado, o corpo e o balão precisavam se reencontrar em certo momento, e a narrativa dos sonhos foi deixada a cargo da mãe findar as explicações, segurando firmemente pela sua corda Pelé levanta do colo que lhe acolhe para brincar. Segui pelas pistas que a mãe me apresentava, noites agitadas que antecedem ou sucedem acontecimentos importantes, viagens, aniversários, encontros, com falas noturnas e um corpo que se mexe mais, e ao acordar traz relatos sucintos, mas significativos sobre os sonhos.

Com esses elementos, traço um mapa de possibilidades vivenciais, mas principalmente reforço a investigação sobre as pistas de si, rastros oníricos que as crianças nos contam sobre seus entendimentos de mundo, um respiro na linha da consciência que elabora questões internas dos indivíduos e os constitui como sujeitos das infâncias. São fragmentos, pedaços de vivências oníricas traduzidas em uma linguagem em construção, caquinhos que se colocados ao sol, a luz de um olhar atento, reflete esse movimento quase amebóide das crianças de conhecerem o mundo, esticando a imaginação e encolhendo-se ao recorte de linguagem, de forma que tatear se torna uma experiência dos sentidos em vigília, mas igualmente em sonho.

7. AS INFÂNCIAS SONHAM

Embora um adulto em geral já tenha sonhado milhares de vezes na vida, poucas pessoas se lembram de quando sonharam pela primeira vez. Tente se lembrar do seu primeiro sonho. É quase certo que ele aconteceu após os três anos de vida, no umbral do uso da gramática e da sintaxe. Se os sonhos existem antes disso, ninguém costuma se lembrar. (RIBEIRO, 2019, p.104)

Essa investigação parte do contato diário com as crianças para se questionar: o que sonham as crianças do nosso tempo? como narram e registram suas produções oníricas? em busca de pistas sobre o seu desenvolvimento infantil e como o sonho é elemento constituinte das infâncias. Neste percurso cartográfico busquei traçar uma rota em comum, ou seja, junto com as crianças, fazer um sobrevoo nas narrativas que circulavam até pousar sobre o sonho que vinha tramando conversas e apresentando registros significativos sobre elas. Pude fazer um zoom, olhar com mais atenção a duas crianças que apresentavam maior recorrência nas narrativas oníricas e me propus a escutar o que vinham em suas falas e compreender um pouco mais sobre como o sonho abria uma porta para que cada um falasse sobre si, sobre as suas vivências e seus entendimentos de mundo.

Como aponta Sidarta Ribeiro (principal referência teórica para essa investigação, tendo em vista a recente e consistente publicação na área), provavelmente boa parte da população não recorda dos seus primeiros sonhos, mas possivelmente eles aconteceram antes mesmo que possamos registrá-los pela língua. Tendo em vista que os sonhos são uma produção singular e a sua reprodução se dá invariavelmente pela sintaxe, a pesquisa com crianças se torna de difícil acesso, contudo o estímulo constante a essa rememoração pode convocará uma prática de sonhar e ampliar o acesso ao inconsciente e mais do que isso expandir o imaginário que elabora nossas faculdades mentais também enquanto dormimos.

Me propus a esse desafio convidando Rosa Pink e Pelé a contarem sobre os seus sonhos, ouvindo-os inicialmente na escola e em seguida transformando esse processo em uma investigação mais profunda que perpassou por uma entrevista semiestruturada para compreender seus processos de desenvolvimento social e

orgânico, mas também suas rotinas de sono e buscar os primeiros lapsos oníricos que atravessaram seus contos. Os materiais coletados (chamados de sonhários) que foram produzidos através de desenhos pelas crianças e anotações de suas responsáveis, deram suporte para sustentar a ideia de que as crianças sonham e constituem o mundo em período não desperto.

Quando Pelé desenha em seu caderno um cubo mágico ele traz atrelado um relato de algo que não sabe fazer em período desperto, mas é plenamente capaz no universo onírico, ou seja representa o seu desejo sobre um objeto que lhe é conhecido e busca apreender melhor. Amplia sua gama de possibilidades, como destaca Sidarta “A imaginação é um espaço mental, protegido, particularmente útil para aprender habilidades arriscadas”(RIBEIRO, 2019, p.306), ele complementa “se no sonho o faz de conta é a totalidade da experiência, nas brincadeiras da vigília a imaginação da realidade é apenas parcial (RIBEIRO, 2019, p.306). Sendo assim, é no campo onírico que a experiência é sua totalidade, onde tudo é possível, inclusive testar habilidades radicais, como Pelé faz ao sonhar que surfa em uma cachoeira.

È na busca de defender as infâncias como parte dessa comunidade sonhadora, que trago essa pesquisa, como um instrumento pedagógico que acompanha as infâncias sem fazer por elas, nem mesmo ditar as suas vivências, mas traçar um plano em comum onde suas narrativas, registros e sonhos façam parte constituinte da nossa sociedade. Em tempos onde vivemos o paradoxo de despejar nas crianças a esperanças de futuro melhor, sem mesmo saber que ele existe, também vivemos a beira de um abismo, quase entregues ao fim, como fundamentalmente aponta Ailton Krenak no seu livro Ideias para Adiar o fim do mundo:

“Não podemos nos render à narrativa de fim de mundo que tem nos assombrado, porque ela serve pra nos fazer desistir dos nossos sonhos, e dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais.” (KRENAK, 2022, p.37)

Ou seja, precisamos nos ater aos sonhos como elemento fundamental que nos afasta do fim, como um paraquedas colorido (KRENAK,2020), que pode conter

respostas importantes e criativas para traçar novos rumos para nossa sociedade em constante queda.

Na esteira dessas discussões, fica claro que essa investigação não se encerra, é preciso aprofundar as pesquisas sobre os sonhos, as tecnologias têm contribuído para análises em alta qualidade das sinapse cerebrais durante o sono, mas ainda é incipiente trazer respostas concretas para as perguntas lançadas no início dessa jornada. Como diria Krenak “sim, nós podemos muito, mas nem tudo” (KRENAK, 2022, p.102), e nas limitações de tempo e espaço, essa investigação traz pistas significativas para contribuir com a ideia de que as crianças sonham e constituem-se enquanto indivíduos e cidadãos também através do universo onírico, e é nosso papel enquanto docentes e responsáveis por crianças ajudá-las a traçar esse mapa de sí, para que o mergulho seja seguro, e emergir a um respiro profundo também.

8.REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1988

COSTA, Luciano Bedin, BIATO, Emília Carvalho Leitão. Infantil, o sonho de Frederico Nietzsche. *in*: CORAZZA, Sandra Mara. **Breviário dos sonhos em educação**. São Leopoldo: Oikos, 2019. p.153-159

CAVAGNOLI, Murilo; MAHEIRIE, Kátia. A cartografia como estratégia metodológica à produção de dispositivos de intervenção na Psicologia Social. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 32, n. 1, p. 64-71, jan./abr. 2020. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i1/5680>

FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos (1900)*. Obras completas, Vol.19. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

HUGO, Victor. Os Miseráveis. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

KASTRUP, V.. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, n. 1, p. 15–22, jan. 2007]

KRENAK, Ailton, Futuro ancestral/ Ailton Krenak.-1ªed- São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, A. Ideias para Adiar o Fim do Mundo. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019

O Onírico, Para a edição 1:
https://sabi.ufrgs.br/F/82A4JRGX4BCTG3NVJMQIANEF1D29LIMLKE4NMTIA64F6EVTIEX-24669?func=service&doc_library=URS01&doc_number=001128691&line_number=0001&func_code=WEB-FULL&service_type=MEDIA

O Onírico, para a edição2:
https://sabi.ufrgs.br/F/82A4JRGX4BCTG3NVJMQIANEF1D29LIMLKE4NMTIA64F6EVTIEX-24670?func=service&doc_library=URS01&doc_number=001128691&line_number=0002&func_code=WEB-FULL&service_type=MEDIA

POZZANA, L.. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 323–338, maio 2013.

PRINCÍPIA. Interpretre: Emicida, Fabiana Cozza, Pastor Henrique Vieira, Pastoras do Rosário. Compositor: Emicida, Nave. *In: Amarelo*. Emicida. Sony Music Entertainment, 2019. Duração, 5min55s

RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender/Carla Rinaldi; tradução de Vânia Cury.-14ª ed.-Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

RIBEIRO, Sidarta. O oráculo da noite : A história e a ciência do sonho / Sidarta Ribeiro. — 1ªed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2019

APÊNDICE A



**Entrevista semiestruturada:
Cartografias oníricas : o sonhário como forma de registro na constituição do
sujeito na infância.**

**Autora: Fernanda Lopes Fetter
Orientador: Sérgio Franco**

CONTEXTO

Nome da criança:

Idade:

Nome dos responsáveis:

Idade:

Se identificam como pessoas brancas, pretas, amarelas ou pardas:

Profissão dos responsáveis:

Bairro onde moram:

Atividades das crianças(escola/ natação/ dança/ entre outras):

HISTÓRICO

**Como se dá o processo de desenvolvimento da criança até este momento?
houveram marcas/ traumas significativos?**

Como e quando foi o período de desfralde?

A criança tem alguma doença crônica? Faz acompanhamento?

ESPECÍFICO

Como surgiram os relatos e registros oníricos?

Como e quando são feitos os registros?

Como se dá a relação entre desejo e sonho?

NARRATIVAS

Junto das crianças folhear o material empírico, solicitando que a crianças conte sobre os seus registros e o que lembra de cada sonho apresentado.

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Gostaríamos de solicitar sua autorização para que seu filho(a) participe da pesquisa intitulada “**Cartografias oníricas: o sonhário como forma de registro na constituição do sujeito na infância**”, realizada pela pesquisadora Fernanda Lopes Fetter como parte de seu Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com orientação do professor Luciano Bedin da Costa.

O objetivo da pesquisa é compreender como sonham as crianças do nosso tempo, e para além como narram e registram suas produções oníricas.

A pesquisa será realizada em entrevistas semi estruturadas que serão gravadas para uso particular da pesquisadora. Os materiais gráficos e audiovisuais coletados serão analisados, e poderão fazer parte de divulgações científicas da pesquisa. A participação das crianças na pesquisa é VOLUNTÁRIA.

A colaboração das crianças se dará da seguinte forma: os sonhários produzidos pelas crianças serão coletados para fazer parte da pesquisa enquanto material de análise. Além disso, será gravado o áudio e vídeo da entrevista com as crianças e seus responsáveis, evitando capturar o rosto. Após a conclusão da pesquisa, este material será guardado no arquivo pessoal da pesquisadora. Tanto o material de áudio como os registros gráficos não serão identificados para evitar a exposição dos participantes.

A participação das crianças não é obrigatória e ele poderá desistir da participação a qualquer momento, caso sinta-se ou desconfortável com o tipo de atividade ou com os registros realizados.

Esta pesquisa visa apresentar pistas oníricas sobre as infâncias, e talvez lançar o olhar a este ponto de vista relevante sobre as crianças que, assim como nós adultas(os), se constituem como sujeitos de direitos e de linguagem.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Endereço: Av. Paulo Gama, s/n, Faculdade de Educação - Prédio 12201 – Porto Alegre/RS

Contatos da pesquisadora – Email: fernandalopesfetter@gmail.com/Telefone: 51 999796999

Eu,.....
..... declaro que fui devidamente esclarecido e concordo com a participação de meu filho(a)
..... na pesquisa acima descrita,
assim como autorizo a realização de gravações de áudio nos encontros em que ele participará ao longo da pesquisa e a utilização destas para os fins propostos no projeto.

Assinatura do(a) pai/mãe ou responsável

Documento de Identificação do(a) pai/mãe ou responsável

Data

Eu,.....
...(nome por extenso do sujeito de pesquisa /menor de idade), declaro que recebi todas as explicações sobre esta pesquisa e concordo em participar da mesma, desde que meu responsável legal concorde com esta participação. Autorizo também a realização de gravações de áudio nos encontros em que eu participar, assim como a utilização destas para os fins da pesquisa.

Assinatura do sujeito de pesquisa

Documento de Identificação do sujeito de pesquisa

Data

ANEXO A



ANEXO B



ANEXO C

Uma pessoa →
segurando um
guarda-chuva
para não se molhar
31.05.2023



ANEXO D



